



ADOLFO BIOY CASARES ILHADO: RELATOS DE VIAGEM AO BRASIL

Lyanna Costa Carvalho¹

Resenha do livro de Adolfo Bioy Casares, *Unos días en el Brasil. (Diarios de viaje)*. Buenos Aires; Madrid: La Compañía; Páginas de espuma, 2010, 104 p.

Unos días en el Brasil – Diario de Viaje é um livro breve, de leitura rápida. Sua publicação é uma realização de Michel Lafon², quem conhecera Adolfo Bioy Casares pessoalmente nos anos noventa e se interessou pelo texto – até então única obra do autor argentino que ele não possuía. Bioy havia publicado e distribuído pessoalmente trezentos exemplares, tornando-se a atual publicação o primeiro contato do texto com o grande público. Seu diário de viagem transparece inspiração, demonstrando, nas palavras de Lafon – inclusive com referência ao espaço constantemente utilizado na literatura de Bioy – como era o *modus vivendi* do escritor argentino: “... seguir transformando cualquier día de su vida en un viaje y una aventura, cualquier lugar del mundo en una isla encantada, donde todo se vuelve posible, e incluso deseable”.

Convidado a participar do congresso do PEN Club no Rio de Janeiro, em 1960, Bioy relatou a sua breve experiência no Brasil. Quase ao estilo dos diários de viagens comuns aos séculos do expansionismo europeu nas terras *virgens de cultura*, não raro assumindo o tom de desbravamento, o texto de Bioy consiste mais em uma observação participante do cotidiano brasileiro do que em uma enumeração qualquer de reflexões literárias. Apesar de descrições de encontros com colegas e outras personalidades da época, o *bon vivant* pouco comenta sobre

² Catedrático de literatura argentina na Universidade Stendhal de Grenoble, tendo editado e traduzido diversas obras de autores argentinos.

¹ Graduada de Letras – bacharelado (Estudos Literários) pela Universidade Federal de Goiás. E-mail: <waltzforanight@gmail.com>.

resenhas e críticas . ADOLFO BIOY CASARES ILHADO

o congresso do PEN Club. Sua preocupação se concentra mais em realizar uma topografia do cotidiano das cidades devidamente *flaneurizadas* por ele – Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília – em sua passagem pelo país.

A visita de Bioy acontece no momento da construção de Brasília. A cidade é entendida como algo que ainda está por acontecer, em observância de problemas como ter que se deslocar 60 quilômetros de um hotel para se realizar uma simples compra. Os paradoxos sociais da constituição da atual capital brasileira são alvo de comentários mordazes, de rara percepção da realidade, e aparentemente ainda atuais, considerando-se o resultado da construção:

Brasilia es una operación de sátrapa indiferente a los sentimientos de miles y miles de personas que formaron su vida en Río y deberán trunca-la, para empezar de nuevo en otra parte; pero también es una operación demagógica, porque las multitudes, por ahora no afectadas directamente, están orgullosas, exaltadas de patriotismo. Brasilia es ambiciosa, futura, pobre en resultados presentes, incómoda. (Bioy, 2010, p. 41).

Casares ressalta o paralelismo na idiosincrasia entre seus colegas de ofício brasileiros e argentinos, mas ele distancia-se da casta ufanista platina. Fazendo jus à afirmação de que seria um “escritor por escrito” (idem, p. 22), ele organiza listas de vocabulário em português e compara a formação de ideias entre o espanhol e o português. Seus comentários costumam trilhar a compreensão da formação cultural híbrida do Brasil e são relatados com interesse e fina percepção do paradoxo entre o espírito moderno e a retórica do Brasil: “aquí funciona una retórica inflamada y barroca, generosa de epítetos, de aumentativos, de expresiones extremas,

junto a una fuerza de progreso como no se encuentra en ninguna parte. Para hablar del mundo brasileiro hay que emplearla” (idem, p. 26).

Sua busca por aventura assume também, desde o princípio, um clima de suspense, recurso característico de sua obra literária. Essa busca é marcada pela vontade de reencontrar Ofélia, jovem brasileira que ele conhecera dez anos antes em outra viagem. A jovem haveria, na ocasião, *desmaiado de amores* por ele, querendo manter contato desde então e gerando a expectativa de um provável reencontro furtivo. Sua lembrança é marcante durante a viagem, assumindo um tom onírico. Anos mais tarde, questionado sobre a existência de tal personagem, Casares afirmaria que “... faz muitos anos e esqueci como ela [Ofélia] era. Mas era encantadora”. A pretensão antropológico-investigativa do diário e a presença indireta da figura feminina de Ofélia tornam impossível que a leitura não recorde sua mais famosa obra, *La invención de Morel*, de 1940, também um diário baseado na tentativa de compreensão de novas terras, no espaço utópico da ilha, e de fenômenos desconhecidos, cujo cerne é a presença da inacessível Faustine. O diário de viagem de Bioy é uma incessante busca por inspiração; nele, são confeccionadas cenas em que se combina a descrição do insólito com comentários sagazes de personagens da vida real. Se para Casares a literatura fantástica é “uma narrativa em que o fato se produz magicamente”³³, não haveria melhor forma de encontrar a transposição da sutil película entre o real e o fantástico que sua descrição antropológica no Brasil.

3 Citações extraídas de entrevista concedida ao programa Roda Viva, em 1995. Disponível em: <http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/164/entrevistados/adolfo_bioy_casares_1995.htm>. Acesso em: 15 abr. 2011.